



RELICI

EDITORIAL

DO ROTEIRO AO FILME: A FALA DE SÉRGIO MACHADO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DOS CINEASTAS¹

*FROM SCRIPT TO FILM: THE SPEECH OF SÉRGIO MACHADO UNDER THE
PERSPECTIVE OF FILMMAKERS' THEORY*

Fernando Antonio Prado Gimenez²

Quando do lançamento de seu filme *O Rio do Desejo* (2023) no Cine Passeio em Curitiba, Sérgio Machado apresentou uma *Master Class* intitulada “Do desejo ao filme: o roteiro de *O Rio do Desejo*, por Sérgio Machado. Esta aula teve a condução de Marcos Jorge, cineasta cujo primeiro longa foi *Estômago* (2007), um filme marcante da cinematografia brasileira.

Em sua fala, Sérgio Ricardo comentou um pouco sobre sua trajetória no cinema brasileiro, desde seu início como estagiário, e depois assistente de produção de Walter Salles em *Central do Brasi* (1998). Em sua trajetória, após um curta realizado como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo (*Troca de cabeça*, 1993), seu próximo filme foi o documentário *Onde a terra acaba* (2002) sobre Mário Peixoto e seu filme inacabado de mesmo título. Depois, em 2005, Sérgio Machado lançaria seu primeiro longa de ficção, *Cidade Baixa*. Outros filmes que roteirizou e dirigiu são: *Quincas Berro D'Água* (2010); *Tudo que aprendemos juntos* (2015); *Aqui deste lugar* (2015) em codireção com Fernando Coimbra; *A luta do século* (2018); e *Neojiba – Música que transforma* (2020) em codireção com George Walker.

¹ DOI: doi.org/10.5281/zenodo.7771877

² Universidade Federal do Paraná. fapgimenez@gmail.com



RELICI

A oportunidade de ouvir Sérgio Ricardo me trouxe à mente algumas leituras que havia feito sobre a abordagem de estudos de cinema denominada *Teoria dos Cineastas* (GRAÇA; BAGGIO; PENAFRIA; 2015). A ideia central desta abordagem, como foi descrita por Penafria, Baggio, Graça e Araújo (2016), é compreender o cinema a partir dos discursos dos cineastas. A lógica de tal abordagem se explicita no seguinte argumento:

Acreditando que a condição de cineasta supõe, logo à partida, uma possibilidade de teorizar sobre cinema mas, não necessariamente por vias convencionais (pela escrita ou manifestação verbal), entendemos que o facto de se colocar a hipótese de um cineasta possuir uma teoria remete para a existência dessa teoria, justamente, mais na sua obra que por qualquer outra via. (PENAFRIA; VILÃO; RAMIRO, 2016, p. 94).

Ao tratarem da operacionalização da abordagem, Penafria, Baggio, Graça e Araújo (2017) sinalizaram que é fundamental àqueles que desejam adotá-la em seus estudos de cinema o acesso às diversas formas de manifestação do discursos dos cineastas, tais como “livros, manifestos, cartas, entrevistas, ou outros” (p. 29), de tal forma que seja possível “compatibilizar a academia com a prática fílmica e o pensamento de quem faz cinema, introduzindo a possibilidade de verter o pensamento expresso pelos cineastas em conteúdo enquadrável na teoria do cinema (p. 30). Em Ferro (2021) se encontra uma revisão ampla de estudos sobre Teorias dos Cineastas.

Assim, ouvir Sérgio Machado comentar sobre o desenvolvimento do roteiro de *O rio do desejo*, tornou-se uma oportunidade única de registrar a forma como este roteirista e cineasta teoriza sobre esta arte. Nesse sentido, Sérgio Machado iniciou sua descrição do processo de escrita de roteiros cinematográficos, ressaltando que, para uma dramaturgia clássica, ou seja, não experimental, há três coisas básicas a serem observadas.



RELICI

Em primeiro lugar, escrever um roteiro exige a observância da noção de causa e consequência. Com isto, Sérgio Machado expõe a ideia de que é necessário que as cenas de um filme sejam como elos de uma corrente em que todas estão conectadas. Assim, uma cena é causa de outra que é sua consequência, ao mesmo tempo em que a segunda será causa da próxima e assim por diante. Sérgio Machado, no entanto, reconhece que pode haver em algum momento a quebra desta sequência de elos, com uma cena que não é consequência da anterior. Todavia, ressalta que, posteriormente, deve haver um retorno ao ponto de ruptura.

A segunda base de um roteiro é a noção de conflito. Em cada cena deve haver um conflito. Estes podem variar de intensidade, mas não pode haver cena sem conflito. Pois, segundo Sérgio Machado, é dos conflitos que surge o inesperado, a surpresa. Uma prática que ele adota na escrita de seus roteiros é classificar cada cena, descrita em papéis grudados na parede, com bolas coloridas que indicam a intensidade dos conflitos. Assim, visualmente o roteirista/cineasta consegue ver/rever como a trama da história se desenvolve em termos de conflitos com maior ou menor intensidades.

Por fim, Sérgio Machado sugeriu que nos diálogos em cada cena possa se perceber a presença de um subtexto. A fala dos personagens não revela tudo o que este pensa. Há sempre algo no pensamento do personagem que está escondido, ou seja, subentendido. Para Sérgio Machado, esta é a parte mais difícil de se descrever em um roteiro e depois se realizar na filmagem.

Mais para o final de sua fala, Sérgio Machado comentou sobre sua interação com Eduardo Coutinho, quando ele e Karim Ainouz buscavam mentoria do grande documentarista brasileiro sobre o roteiro que escreviam para *Cidade Baixa*. A cada momento da conversa com Eduardo Coutinho, este mostrava como o roteiro estava



RELICI

muito ruim. Depois de muitas idas e vindas, dialogando com Karim este lhe perguntou: Sérgio, o que você quer dizer pro mundo com essa história?

Foi a partir dessa pergunta que Sérgio Machado reconheceu uma parte fundamental da arte de escrever roteiros. Em suas palavras:

Não adianta escrever sem saber por que quer contar aquela história? Para que serve a história? Sempre se conta uma história para ensinar algo, a moral da história.

Assisti ao *Rio do Desejo* algumas horas depois de ter ouvido Sérgio Machado. Minha percepção desse belíssimo filme foi, obviamente, muito influenciada pelo que havia ouvido. Na sequência de cenas, visualizei as causas e consequências, as conexões, levando a uma tensão cada vez mais crescente. Em cada diálogo, foi possível observar o conflito, às vezes explícito, outras vezes subentendido. Os diálogos, geralmente, ocorriam intermediados por breves silêncios dos personagens. Nesses momentos, quase que podia “ouvir” o não dito, o subentendido. O silêncio das personagens nos diálogos me pareceu muito eficiente para estimular o espectador a pensar sobre o não dito!

Enfim, poder ouvir sobre a arte da escrita de roteiros cinematográficos e depois assistir ao filme, me inspiraram nessa escrita editorial.

REFERÊNCIAS

FERRO, Fernanda Ianoski Teoria de cineastas: uma revisão bibliográfica. *Revista Livre de Cinema*, v. 8, n. 4, p. 47-64, 2021.

GRAÇA, André Rui; BAGGIO, Eduardo Túlio; PENAFRIA, Manuela Teoria dos cineastas: uma abordagem para a teoria do cinema. *FAP Revista Científica*, v. 12, p. 19-32, 2015.

PENAFRIA, Manuela; BAGGIO, Eduardo Tulio; GRAÇA, André Rui; ARAUJO, Denize Correa Observações sobre a “Teoria dos Cineastas” – Nota dos editores. In: Manuela Penafria, Eduardo Tulio Baggio, André Rui Graça, Denize Correa Araujo



RELICI

5

(eds.) *Revisitar a teoria do cinema*. Teoria dos cineastas - Vol.3, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2017, 272p.

PENAFRIA, Manuela; BAGGIO, Eduardo Tulio; GRAÇA, André Rui; ARAUJO, Denize Correa (Eds.) *Ver, ouvir e ler os cineastas*. Teoria dos cineastas - Vol.1. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2016, 245p.

PENAFRIA, Manuela; VILÃO, Henrique; Ramiro, Tiago O ato de criação cinematográfica e a “Teoria dos Cineastas”. In: Manuela Penafria, Eduardo Tulio Baggio, André Rui Graça e Denize Correa Araujo (eds.), *Propostas para a teoria do cinema*. Teoria dos cineastas - Vol.2, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2016, 242p.